

p3
Ribeiro José
Geraldo

Centrão espera romper impasses na Constituinte

17 FEV 1988

CORREIO BRAZILIENSE

O deputado José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG), coordenador de negociações do Centrão na Constituinte, disse ontem que os acordos obtidos entre seu grupo e as esquerdas estão acelerando os trabalhos de votação da nova Constituição "e certamente vão superar o impasse surgido agora na questão da estabilidade no emprego, como ajudaram a resolver as divergências quanto ao direito de propriedade".

Segundo o parlamentar, depois da estabilidade e organização sindical, o Centrão só considera polêmico o conceito de empresa nacional e não pretende se manifestar sobre a duração do mandato do presidente Sarney e nem sobre o sistema de governo. E explicou:

— O Centrão surgiu para tratar de matéria econômica com sentido ideológico. As questões puramente políticas são partidárias e cada constituinte do Centrão vota de acordo com o seu pensamento, disse o deputado José Geraldo Ribeiro nesta entrevista:

— Como vê o trabalho do Centrão na Constituinte, até agora.

— Os resultados são altamente positivos. Até agora foram aprovados o preâmbulo, o Título I e dois capítulos do Título II. O preâmbulo é do Centrão. O Título I, que trata dos direitos individuais, também é nosso. Há ali um artigo com 60 parágrafos. Negociamos e fizemos acordo em 42 deles, prevalecendo sempre nesses entendimentos ou o texto do Centrão ou um texto alternativo, fruto de uma emenda ou fusão de emendas, mas só raramente prevaleceu o texto da Comissão de Sistematização, que foi nitidamente minoritário. Isso demonstra a força do Centrão.

— Qual a estratégia do Centrão nessas negociações?

— Nos parágrafos em que não houve acordo o Centrão não fechou questão, deixando seus membros votarem conforme o pensamento de cada um. Mas fechamos questão basicamente em três pontos: o direito à propriedade, que admite a função social mas não a subordina a esta última; o mandato de segurança coletivo; e a equiparação do tratamento do terrô-



José Geraldo Ribeiro

sitivo para todos nós — Centrão e esquerdas.

— Como assim?

— Porque todos nós, Centrão e esquerdas, nos conscientizamos naquelas duas derrotas que nem o Centrão consegue a maioria absoluta em temas polêmicos. No dia seguinte, quinta-feira, fizemos o entendimento em duas horas sobre o direito de propriedade, coisa que não foi possível alcançar antes em dois meses de negociação. Conclusão para todos nós: em caso de confronto, só negociação.

— A derrota do dia 10 não abalou o Centrão?

— Foi muito bom para o Centrão que não tivesse maioria naquele dia para impor seu pensamento. O resultado, na verdade, teria sido um texto de centro-direita. Ainda que a sociedade brasileira não quisesse o texto da Sistematização, que era nitidamente de esquerda, assim também não teria aceitado um texto de centro-direita.

— E o sistema de governo e mandato do presidente Sarney?

— O Centrão só se formou por causa de temas de natureza econômica e de sentido ideológico, como direito de propriedade, relações de emprego, sindicalismo, empresa nacional e outros correlatos. O Centrão não tem posição e nem vai entrar em temas puramente políticos, como sistema de governo e mandato presidencial. E mais uma questão partidária dos constituintes. Nessas matérias o Centrão se dissolve.

— E a tentativa de reativação do Centro Democrá-

tico, feita pelo deputado Expedido Machado? Não vai enfraquecer o Centrão nas futuras votações dessas matérias polêmicas ainda pendentes?

— Entendo que não representa ameaça aos resultados que o Centrão se propõe alcançar, porque o setor do PMDB que está se reaglutinando em torno do Centro Democrático representa facção à direita do segmento do PMDB que se manteve no Centrão. Portanto, o Centro Democrático não tem nenhuma afinidade ideológica com o segmento peemedebista deradado por Covas e não tem alternativa a não ser votar com o Centrão nos temas ideológicos. Não há perigo, portanto, quanto a votos.

— E em outros aspectos?

— Entendo que o Centro Democrático está prestando um desserviço ao Centrão, porque permite que a imprensa explore seu reaparecimento como sinal de enfraquecimento do Centrão, o que poderá provocar perda de alguns votos do Centrão da parte dos indecisos, geralmente influenciados por esse tipo de notícias. Se o objetivo do deputado Expedido Machado é o de dar unidade ao PMDB e Centrão para que adquira identidade, acho que é válido, porque todos os outros partidos têm seus líderes no Centrão. O PMDB é o único cujo líder Covas ficou de fora.

— Quando a Constituinte terminará seus trabalhos?

— Outra grande contribuição do Centrão foi que a negociação proporciona a aceleração dos trabalhos, porque o acordo em 90% das matérias facilita a votação. Autores de emendas e destaques que não têm apoio no acordo do Centrão com as esquerdas retiraram essas iniciativas, caindo o número e aumentando a velocidade dos trabalhos da Constituinte.

— E o papel do deputado Ulysses Guimarães nesses acordos?

— O presidente Ulysses tem sido de uma importância decisiva nesse processo de negociação e na condução dos trabalhos de votação em plenário. Não hesito em dizer que o primeiro acordo sobre direito de propriedade, celebrado na presença dele, no Planalto, como presidente interino da República, só foi rompido no dia seguinte, dia 10, porque ele não presidia a sessão. A sua presença teria inibido definitivamente o rompimento que ocorreu. Em contrapartida, acredito, que o doutor Ulysses esteja satisfeito com o serviço que o Centrão está prestando à aceleração dos trabalhos da Constituinte, conforme seu desejo.

— E o Centrão ganhou esses três pontos?

— Vencemos no caso do terrorismo, fizemos acordo sobre o direito de propriedade, que prevaleceu no texto constitucional, exigindo a prévia indenização em dinheiro e sem subordinação à sua função social, ou seja, a propriedade não pode agredir o bem-estar social. Isto é fundamental. Mas perdemos no caso do mandato de segurança coletivo.

— E no Título II, como ficou o Centrão?

— No capítulo segundo, do Título II, que trata dos direitos sociais, mas basicamente dos direitos dos trabalhadores, nós já fizemos acordo em praticamente 90% das matérias e estamos num impasse quanto à estabilidade no emprego e quanto à organização sindical.

— Por que o impasse?

— Na estabilidade, o Centrão não abre mão de não permitir a dissolubilidade do vínculo empregatício e quer compensar a dispensa imotivada do trabalhador através de indenização, enquanto as esquerdas defendem a estabilidade no sentido pleno, isto é, a impossibilidade de dispensa. Estamos negociando a matéria e tenho certeza de que chegaremos a uma solução dentro da linha do Centrão, cujo texto vai mencionar a indenização compensatória e eliminar a palavra "estabilidade", substituindo-a por relação de emprego com dispensa imotivada.

— E quanto ao sindicalismo?

— Com relação ao problema sindical, o Centrão defende a pluralidade para o trabalhador, enquanto as esquerdas, estranhamente, defendem a tese retrógrada da unicidade. Também queremos o fim da contribuição sindical obrigatória descontada em folha. O Centrão está com os líderes sindicais modernos, mais avançados, cuja liderança não depende nem da unicidade e nem da contribuição obrigatória.

— Mas isto não levará a um impasse insuperável? Afinal, a CUT e a CGT são fortes.

— Acho que não haverá impasse porque a estabilidade é o tema que mais interessa no momento à área patronal, é o assunto responsável até pela inibição dos investimentos nacionais e estrangeiros na economia e a derrota que o Centrão experimentou na quarta-feira, dia 10, na votação do direito de propriedade e, em seguida, sofreu também o senador Mário Covas, quando foi votado o texto da Sistematização, foi, no fundo, altamente po-